



# ACTUALIDADES

DEVIDO A REORGANIZAÇÃO DOS SEUS SERVIÇOS DE DISTRIBUIÇÃO ESTE SEMANARIO NÃO SE PUBLICA HOJE DIA 12, REAPARECENDO NA PRÓXIMA QUINTA FEIRA DIA 19 DE JUNHO.

# OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

Mestre Ford tirou-se da garagem e foi fazer um rally. E fartou-se de andar pelas estradas da Europa, que ao que parece lhe deixaram bastante mau sabor na boca.

E vocês compreendem: As estradas que os americanos conhecem são quase tudo auto-estradas todas cheias de longas retas e aquele Ford julgava que cá pela Europa as coisas eram assim: que se me-

ta a primeira e depois era só acelerar e deixar correr os quilómetros: puro engano! Os caminhos e as estradas da Europa são um bocadinho mais cheios de curvas e já se sabe que por estas estradas os potentes carros americanos não podem desenvolver toda a sua força porque se o fizerem podem ter um desastre.

Para mais aquele Ford talvez seduzido pelo velho slo-

gan de "nuestros hermanos" de que "Espana es diferente" também pensou que era só ir por ali fora... e olé! A corrida estava no papo com toda a gente a dar palmas a esse utopendo carro de grande turismo que é o Ford.

Puro engano! Afinal o Ford andou pelas carreteras da velha Espanha e foi até ao centro da capital. E falou em termos de toma lá dá cá, mais

mais dá cá que toma lá. E contra tudo o que esperava, parece que falando Franco a coisa não pegou. Sim porque essa coisa não pegou. Sim porque essa coisa de pensar que cá pela velha Europa todos ficam calgalizados quando olham para um maço de notas de dólar, já foi chão que deu uvas.

Vamos lá mas é a rodar as válvulas e a descarbonizar, porque esse Ford tem estealeca a mais...

uma profunda crise económica; e bumba! Vieram todas as acções e todos os títulos por ali abaixo, fazendo cabelos brancos aos correctores e fazendo muita gente perder dinheiro à farta.

Mas logo a seguir foi publicado o relatório económico do meio do ano que prevê para depois dessa crise uma profunda recuperação. E zás! Os títulos vieram ontem por aí acima que foi um louvar a Deus. Ao que parece as acções subiram em média 17 pontos, que é coisa ao que dizem, muito importante; eu cá não sei, porque isso de contos só percebe (e pouco) dos campinatos do futebol.

O que tenho a certeza é que houve muito menino esperto que se deve ter governado à farta com esta subida...

## QUEM SABE, SABE... DIZ-NOS Zé Cozinheiro

Recebemos, dirigida ao nosso Director, uma carta do nosso particular amigo Zé Cozinheiro, à qual com muito gosto damos o devido relevo nas nossas colunas. Mande sempre Zé Amigo... que a gente está consigo!

EXmo. Senhor Director do Jornal "Os Ridículos" Lisboa

As minhas saudações democráticas e os votos de boa saúde à rapaziada (raparigas incluídas) ai no jornal. Como sabe, eu não sou lá muito amigo de escrever coisas, conquanto gosto imenso de ver o preto no branco. Gosto mais de falar — mesmo quando não me deixam, como nos últimos 48 anos — pois me fazem confusão as letras, sem falar das protestadas que, foram cerca de um milhão delas no último ano. Depois, lá muito quem se meta a escrever em meu nome, sem qualquer procuração minha até e... não só no anterior situação política. Se eu fosse a dar trala (escrita) a tantos que, escrevendo por mim, não sentem aquilo que escrevem... Nunca mais punha a escrita em dia! Mas, lá de vez em quando sempre que algo me belisca mais fundo e eu sinto que me estão enterrando a unha na anatomia ou a fazer de mim gato sapato, também não me ensaio nada para pagar na pena — digo, esferográfica — e escrever de minha justiça.

Ora sucede que, na presente conjuntura do "dize tu direi eu" (que, por vezes já vai a mais da conta e não me agrada mesmo nada ao ouvido...), uns camaradas anarquistas se atreveram a declarar que: "à portuguesa, só conheciam o cozido", para menosprezarem a ideia de um "socialismo à portuguesa". Não vou agora aqui tratar da viabilidade ou inviabilidade (eu também sei aplicar destes termos... quando estou de veia, como estão vendol), mas, tão somente do que à culinária propriamente dita concerne —

muito embora possa e deva adiantar que: se temos feito tanta coisa à nossa maneira (inclusive o 25 de Abril que foi uma coisa linda, caramba!), também poderemos fazer isso... e bem feito! Pois, conhecem as tais camaradas muito pouco de cozinha portuguesa, disso podem ter certos e, em face de tal ignorância, eu até aliviava que se concedesse facilidade a quem quizesse falar sabendo algo mais do muito pouco que sabe... É que eu, Zé Cozinheiro e o Zé... tudo, noutras circunstâncias — não posso conceber que gente, dita portuguesa, se permita ignorar que, para além do cozido, há muito mais pratos à nossa moda, como sejam por exemplo: as "Tripas à moda do Porto", (as de Cam em França, são uma cópia e têm sido batidas em vários confrontos com elas); As "iscas com elas", o "Leitão da Bairrada", os bifes "à portuguesa", com um ou dois ovos "o cavali" (em lado nenhum os ovos montam no bife, a não ser em Portugal); as bifanas e os passarinhos no pão; o bacalhau... de mil e tantas maneiras, desde assado à brasa ou cozido (com mais ou menos batatas, mais ou menos bacalhau, não interessa, por circunstância e, muito embora a "matéria prima" venha da Terra Nova! até ao assado no forno, "à Gomes de Sá", etc., etc.); a tão conhecida açorda alentejana; as lulas recheadas à nossa moda; os chocos (assados ou fritos) com "tinta"; as nossas caldeiradas (até sem serem de peixe...); as ameiças à Bulhão Pato... e de outras maneiras "à portuguesa"; as sardinhas e carapaus assados (com tripas e tudo, e que é bom mas, lá fora não gostam...); as alheiras, murças e presuntos, de Chaves e

de outros lados, que mais ninguém prepara como nós; os vários tipos de queijo que são os melhores (sobretudo para nós e isso é o que mais nos interessa...), do que muitos afamados queios da estrangeira — como, por exemplo, o Gruyere que tem mais buracos que queijo; etc., etc., etc., etc., etc. — até a nossa broa de milho que (para além do pão que não é melhor devido à ganância de muitos padeiros mas que, fabricado honestamente, será melhor que muitos), até a nossa broa, dizíamos, tem o seu valor nutritivo e paladar especial. Portanto, camaradas, não falem assim da nossa cozinha e do mais que, lá por ser nojo, não tem menos valor que o que há nos outros países... Em todo o caso, se acham que o que se faz lá por fora é superior, que por cá não se consegue fazer de original e válido, que só copiando isto e aquilo é que poderemos ser alguma coisa neste mundo... será melhor "desamargar a toja" (esta também é uma expressão bem portuguesa, explícita e eluciativa... para quem não é ignorante, claro!) e irem "lá para fora" ser felizes! O que lhes pode acontecer é comerem noutras pageregens muito mais padoque que o Diabo amasso... E voltem depois àquela que lhes foi berço para umas papas de sarrabulho (sarrabulho apenas, não, camaradas anarquistas...), que é outra comida muito nossa que tem aconchegado, até, muitos filhos de outros países em alturas diversas! E, tenho dito, meu Caro Director. Agradecido desde já pela publicação desta, creia-me todo seu.



# QUANTA VIDA SÃO 2 dias

Nunca se canse a arranjarr uma boa desculpa ao chegar tarde a casa. Qualquer desculpa serve, porque elas nunca acreditam!

Se o Haver não lhe chegar para o Deve, deixe andar. No fim das contas desta vida... baterá tudo certo!

Faça de conta que não sabe de nada ou, na inversa, que sabe de tudo, esta é a grande safra de quem não sabe nem deixa de saber!

Não compre nada a pronto. Pode morrer de repente e sempre terá a hipótese de não pagar algumas prestações!

Coma bem — e beba melhor — quer possa ou não possa. Está provadíssimo que uma pessoa só paga os calotes quando paga, só morre quando tem de morrer e, neste caso, antes morrer de barriga cheia que com ela vazia!

Não veja os outros por si nem se veja, a si pelos outros. Cada um é como é e você também tem defeitos!

Não seja franco. A franqueza é a mãe da impopularidade!

Se tem automóvel ou qualquer veículo motorizado (ou não...) não ande a grandes velocidades. Já um nosso glorioso antepassado disse: — "Morrer, sim — mas, devagar. E os antigos sabiam o que diziam!

ARIM

## CONCEITOS MUNDIAIS

SE O CINISMO QUE HÁ NO MUNDO,  
VIRASSE SINCERIDADE,  
NÃO ESTAVA TANTO NO FUNDO,  
ESTA POBRE HUMANIDADE!

CONTRATOS E ALIANÇAS,  
SÃO QUASE SEMPRE ILUSÕES  
QUE NÃO EVITAM MATANÇAS  
E VÃO LEVANDO MILHÕES!...

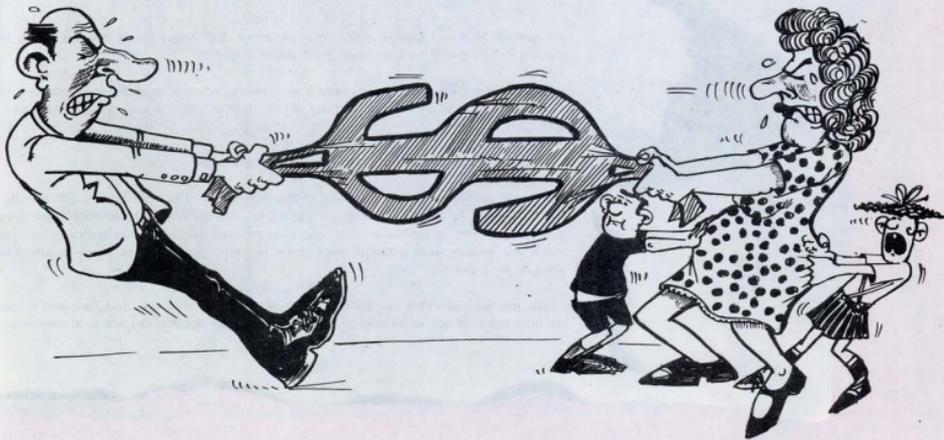
AMIZADES BASEADAS  
NOS DIREITOS DO MAIS FORTE,  
DISCURSOS E PALHAÇADAS  
NÃO SALVAM MUITOS DA MORTE!

COM DISCURSOS INFLAMADOS,  
EM VEZ DE ACÇÕES E CACETES,  
É QUE MUITOS SÃO LEVADOS  
E ENFIAM GRANDES BARRETES!

SE, NA VIDA, HÁ DESACERTOS  
QUE DÃO, A UNS, VIDA LARGA  
E, A OUTROS, SÓ DÃO APERTOS...  
QUEM LHE DOI QUE ALIJE A CARGA!

DEPOIS QUE ALGUÉM SE LIBERTA,  
DOS APERTOS DE BARRIGA,  
TERÁ QUE ESTAR SEMPRE ALERTA,  
P'RA NÃO VOLTAR À ANTIGA!

ARIM



# Crônicas

NOVAS

# Medievais

DE D. ARCEOLINDO

EL-REI

— Afinal, minha dedicada esposa, tenho estado a pensar...

D. BRIOLANJA

— Tende cuidado senhor meu esposo, que bem sabeis que não tendes saúde para essas coissas. Se começades a fazer força com a cabeça, podereis ter alguma badagaio...

EL-REI

— Não me interrompades, senhora D. Briolanja. E não vos esqueçades que apesar de me terem amando exilar não me consta que alguém me possa considerar débil mental...

D. BRIOLANJA

— Melhor será que não falemos nisso. Dizeide para que tendes estado a espremer a moleirinha... Pode ser que alguma brilhante ideia vos saia. Nunca so sabeis...

EL-REI

— Pois ficade sabendo que novas hei recebido do notável gentilhomen do nosso reino, numa missiva que bastante me perturbou...

D. BRIOLANJA

— Ah sim? E quem é esse notável gentilhomen para assim vos negar a fidelidade que vos devia?

EL-REI

— Foi D. Arceolindo de las Muñecas, esse fidalgo que eu sempre pensei que me fosse dedicado, e a quem aguardava com ansiedade para organizar o meu regresso ao pátrio lar...

D. BRIOLANJA

— E então? Não está D. Arceolindo do vosso lado? Eu sempre pensei que um fidalgo de tão alta linhagem vos fosse dedicado até à morte...

EL-REI

— Pois foi esse o meu engano. Por seguro o mensageiro lhe enviou nota dos meus planos e da esperança que tinha de regressar um dia em glória... e sabeis o que me mandou responder?

D. BRIOLANJA

— Já adivinho que certamente declinou gentilmente o vosso convite...

EL-REI

— Declinar gentilmente? Mito anjinha sois, senhora D. Briolanja! Pois ficade sabendo que D. Arceolindo que eu suponha ser a suma essência da fina flor dos gentilhomens do meu antigo reino, mandou-me dizer que após ter considerado... mas esperade que vos leia a sua missiva; aqui a tenho, na algebeira do meu gibão e quase se me queimam os dedos de ler o que diz...

D. BRIOLANJA

— Não me haveídes dito que D. Arceolindo vos escrevera directamente! Isso pelo menos até demonstra da sua parte uma réstea de consideração por vós! Arriscar-se a escrever-vos

uma missiva que até poderia ter sido surpreendida pelos vossos inimigos certamente até o comprometeria... eu sempre disse que D. Arceolindo era um fidalgo às direitas...

EL-REI

— Às direitas? Bem digo eu que sois mais estúpida do que uma porta ondulada! Pois ouviu o que me diz D. Arceolindo:

D. BRIOLANJA

— Lede, lede!

EL-REI

— Ouvide então, e guardaídes segredo que até sinto as faces ruborizadas:

“Senhor D. Tomázio: Apareceu-me no meu castelo um safardanita de merda com letras remetidas ao que me disse por vossa ex-majestade...”

D. BRIOLANJA

— Oh! Que estranho linguajar para D. Arceolindo!

EL-REI

— Escutaídes que ainda não ouvisteis nada! Diz ele depois:

“Esse safardanita disse-me que na vossa atrasada moleirinha tinham passado ideias esparvoadas de formar uma legião de rebeldes para vos apoiar no regresso ao poder. E disse-me ainda que vossa castrada majestade tinha pensado em mim para comandar esses rebeldes. Ora em resposta devo dizer-vos que ao ouvir tais propositos tive um tal acesso de entusiasmos que as tripas me deram uma volta...”

D. BRIOLANJA

— Ah valente fidalgo!

EL-REI

— Achaides? Então continuade a ouvir:

“As tripas deram-me uma volta tal que tive um imponente ataque de caganeira, só de pensar que vos ia de novo ver! Até minha fiel e amada esposa ea senhora D. Lutegarda teve que ir ao burgo de Peniche comprar mais dois dos novos pasquins que ali começaram a publicar-se depois da libertação das regras do Santo Ofício e escolhendo aqueles que por carência de selos não tinham sido remetidos aos seus destinos pela mala posta, e devo dizer-vos que eles mal chegaram para limpar o meu nobre cu de tanta merda...”

D. BRIOLANJA

— Céus, que linguajar plebeu tem D. Arceolindo! E eu que o julgava um fidalgo tão palaciano...

EL-REI

— Palaciano uma gaita! Aqui tendes como ele acolhe a minha ideia:

“Ficade portanto sabendo que se mandades outro safardana como aquele para me aliciar para formar forças revoltosas, peço primeiro licença a minha fiel e amada esposa D. Lutegarda, e depois aos mestres gerais a quem delicadamente sirvo, nem que tenha de carregado de armas subir a costa e campos e irei até vós e levarei comigo aqueles pasquins

# FICÇÃO CIENTÍFICA

Pois é. Era de esperar que as pessoas achassem um certo paralelismo entre aquela situação que vimos desenrolar-se no ano 3.000 antes de Cristo, e a que se desenrolava na actualidade.

E aqui surge a primeira dúvida ao estudioso da ficção científica. Quem foi que lhe disse que uma era de três mil anos atrás e a outra de agora? O que é o agora? O que é o passado? O que é o futuro?

Nada, meus amigos, nada. Como vos expliquei, existem indiscutivelmente os tais mundos paralelos, e aquelas duas cenas, a que se tinha passado numa caverna, e a que se tinha passado num terceiro andar lado esquerdo da Rua Moraes Soares, podem ter tido lugar ao mesmo tempo.

Não acreditam? Chica, que vocês são brutos! Se eu já lhes disse que isso do tempo é a coisa mais enganadora que até hoje se descobriu! Então vocês não vêem que ao vosso lado pode estar uma criancinha a fazer chi-chi na fralda, e outro putu a saltar ao eixo, um mais velhinho a jogar aos polícias e ladrões e você sentado ali no mesmo jardim a roer as unhas sem saber como é que vai pagar ao merceiro?

O que é o tempo para todo esse grupo de seres humanos? Não perceberam ainda que é tudo uma questão de perspectiva? Mas não nos adiantemos no nosso curso de ficção científica. Aquela série de episódios "triangulares" faltava ainda um: o que se passava — segundo as nossas coordenadas — aí por volta dos anos 3.000. Ora vejam, e estejam caladinhos.

## HOMEM

— Que estranha abstracção envolverá ultimamente a F-396/U/I/P? Três períodos de relax já passaram sem que ela se tenha materializado na nossa cela comum. E pela minha parte sinto-me a um tempo mentalmente super-tensionado pelos seus contínuos absentismos, e infra-reativizado devido à carência

vitamino-mórfica. Terei que apresentar aos Conselhos Directivos Superiores o meu pedido de esclarecimento situacional, principalmente devido à supra-citada carência mórfica. Registrarei no quadro atómico-servo-informatório a minha presença na cela e tentarei uma investigação tecnologicamente-motivada deste absentismo da F-396/U/I/P. . .

(sai psicopaticamente alterado)

## MULHER

(materializando-se do quadrante

pouso-gozo-reposou)

— Extraordinário, este lingüístico companheiro! Programa a minha pretensa culpabilidade de absentismo, sem qualquer referência ao seu próprio absentismo das funções genéticas a que o acordo bilateral que firmamos o obrigou! Hi, hi, hi! Que carência de felicidade eu sou! Hi, hi, hi!

## O OUTRO

— O supra essência de existencialidade hiper-sensível! Não perturbes o meu ritmo cardíaco com o succo ocular que entornas! Computa somariamente o meu grau de emotividade psico-erótico em relação à tua unidade biológica e desliga-te do acordo que humilhantemente ainda te mantém classificada como U/I/P!

## A MULHER

— A minha classificação é a prova demonstrativa da incongruência socio-biológica que me envolve! Já ser classificada como U, é inevitavelmente admissiva, mercê do momento de eufórica loucura que me envolveu a psique para acordar na união com esse lingüístico ser; mas a classificação de I, que como sabeis significa infértil, é como um labeu de injúria, porque o justificativo da infertilidade não é minha. E apesar disso mantêm-se também o estigma da classificação P, que me obriga a prover à concepção das vitaminas mórficas para este desalmado! Hi, hi, hi, que carência de felicidade eu tenho!

## HOMEM

(entrando

intempestivamente)

— Oh curiosa extrapolação coincidental de circunstâncias imprevisíveis! Eis que acabo de fazer uma busca sintonizadora da localização que eventualmente poderias ter tomado e afinal aqui vo tenho localizado na nossa comum cela habitacional. . .

## MULHER

— Era óbvio. Deves ter a formulação intelectual devidamente programada para produzir a dedução que conforme a minha classificação P aqui estaria para concretizar a orgânica vitamino-mórfica hormonal. A propósito: introduz no teu registo de personalidades envolventes do círculo afecto ao nosso agrupamento o cidadão M-869/L/FD/C.

## HOMEM

— L/D/C. . . não apreendo cabalmente a designação. . .

## O OUTRO

— Permite, cidadão que te aclare: L — Livre; FD — Fertilidade disponível; C — Comunitário. E a motivação da minha materialização nesta

cela habitacional justifica-se porque reconhecendo a obrigação social da cidadã F-396/U/I/P de prover aos seus requisitos vitamino-mórficos e os lamentáveis atrasos do metro ofereci-me para a sua deslocação no meu estereo-cruzador pessoal, para do não fosses prejudicado. Permite agora que, feliz por este pequeno serviço a um companheiro cidadão abandonado a tua cela habitacional. . .

## HOMEM

— Formulo vigoroso protesto cidadão. Ficarás, vista a tua classificação C de comunitário, a fazer parte da nossa cela habitacional. E em paga poderemos até prestar-te um serviço útil.

## O OUTRO

— Um serviço? Qual?

## HOMEM

— A tua classificação de FD significa fertilidade duvidosa. Lamentável egoísmo de outros cidadãos não te permitiram ainda provar a tua fertilidade. Ficarás nesta cela habitacional e como a minha companheira tem a classifica-

ção I, de infértil, poderás proceder às necessárias experiências para definir as limitações que te afligem.

## O OUTRO

— Isso é gentil da tua parte, cidadão. Mas vê lá, não te faça transtorno à tua vida psíquica ou erótica. . .

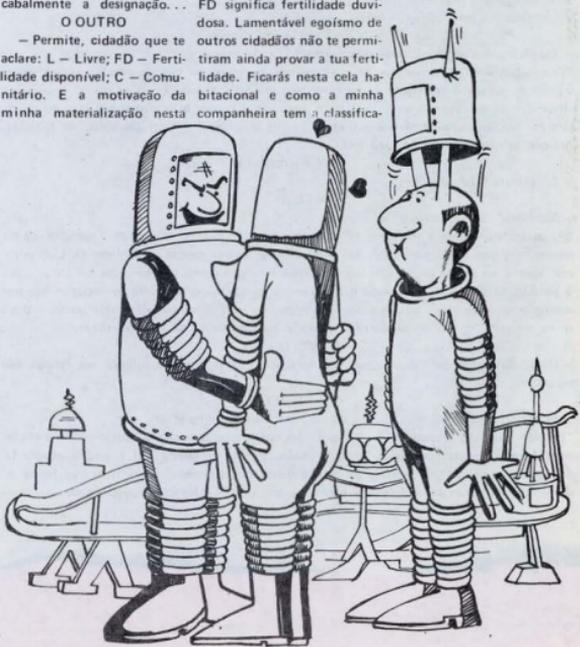
## HOMEM

— De forma nenhuma. Regularemos os ciclos conforme nos for mais conveniente. O que se não deverá dizer é que nesta sociedade equilibrada em que vivemos, deixei um cidadão infértil sem lhe dar a oportunidade — e a companheira — para provar a sua fertilidade.

Desejo-te felicidades, e estou certo que a minha companheira também. . .

## MULHER

— Anda filho, já está legalizada a situação. Deixa-te de patóis e vamos lá ver isso. . .



# ora conte-nos... O QUE PENSA DO AUMENTO DOS CORREIOS E DOS TELEFONES?

MAS EU TAMBÉM  
PAGO? ENTÃO ISTO  
NÃO É UM SERVIÇO  
PÚBLICO?

CAIXEIRO  
VIAJANTE

NÃO ME RALO!  
NINGUÉM JÁ ME  
ENCOMENDA NADA!

FUNÇÃOÁRIO  
PÚBLICO

SENHORA  
BEM

MERCEIRO

AQUI EM CASA  
NINGUÉM  
PODE TELEFO-  
NAR...  
CARTAS PARA  
QUÊ... EU  
SÓ SEI  
ESCREVER O  
ROL dos FIAÇOS

AGRICULTOR

AI FILHAS  
COMO É  
QUE EU  
VOU AGORA  
FALAR  
COM AS  
MINHAS  
AMIGAS?

QUERO LA' SABER  
DISSO! EU CULTIVO  
TONATE: PODEM AU-  
MENTAR O QUE QU-  
ZEREM DESDE QUE  
NÃO ME LIXEM OS TONATES

# CARTAS À OLINDA A ALZIRA



**Q**UE estranha agitação não sinto n'alma  
Depois que te perdi, querida Alzira!  
De meus olhos fugiu, sumiu-se o fogo,  
Que a tua companhia incendiava!  
Por uma vez se foi minha alegria,  
Nem a mesma já sou, que outr'ora hei sido  
Minhas vistas ao céu lânguidas se erguem,  
E a mim própria pergunto: onde venha  
Tão novo sentimento, soberba-me?  
Não se aquietou o coração no peito,  
Não cabe nele; a viva chama no íntimo  
Das entrañas ardente me devora.  
Sem que eu possa atinar a causa, a origem.  
Aqueles passatempos que na infância  
Tão do peito queria, em ódio os tenho.  
Das mesmas sup'rias a presença,  
Que d'antes para mim era indif'rente,  
Se me torço hoje dura, intolerável!  
Aonde, aonde não estes impulsos  
Precipitar a malfadada Olinda?  
Será, querida Alzira, a tua ausência,  
Que me faz derramar tão ágro pranto?  
Debalde a largos passos solitária  
Vago sem norte: ignoro o que procuro;  
Ah! minha cara! os males que tolero  
Expressão não posso, nem sofrer-los.

## ALZIRA A OLINDA

**C**ONHEÇO de teus males a veemência,  
Prezada Olinda! Eu própria os hei sofrido,  
Quando, da mesma idade que hoje contas,  
Próvida, a Natureza começava  
A preencher em mim seus fins sagrados.  
Marcha ela por graus em suas obras:  
Procede ao fruto a flor já madurada,  
Que fora antes de flor botão mimoso.  
Assim a sábia mãe da Natureza,  
A passos insensíveis caminhando,  
Maravilhas em nós produz, que assombrom.  
Somos na infância apenas um botsejo  
Do que nos cumpre ser anos mais tarde.  
Naquela idade a Natureza atenta  
Em conservar-nos só, não desenvolve  
Sentimentos, que tão sup'rfios foram;  
Inactiva nos tem, e nos conserva.  
Bem como as plantas no gelado Inverno.  
Porém, depois que o Sol da Primavera  
Fecundo raios sobre nós dardaja,  
Então de novas formas animado,  
Pula nas veias, afogueado, sangue,  
E sem perder da infância os atractivos,  
Da puberdade o lustre destrufuma.  
Então sentimo commoções insólitas,

Que origin'ro dos males que te oprimem.  
Do amor que te domina, melancólico,  
Da forte agitação que em te presentes.  
Mas tem tuu remédio, eu hei de dar-to.  
Feliz serás, a o trilho me seguides.

## OLINDA A ALZIRA

**Q**UANTO grates me são as tuas letras,  
Querida Alzira! Ao coração me falias!  
As tuas expressões mejas oulcam  
Em si virtuosal, que, apenas lidas,  
Deles a alma se apossa, sequiosa.  
Tu és, prezada amiga, único ariquo  
Aonde os meus segredos mais occultos  
Eu vou depositar; em ti encontro  
O refrigério a males que tolero,  
Sem poder cahnhar a sua origem.  
Se bem me lembro, outrora de ti mesma  
Ouvi iguais queixumes, não sabendo  
Nem eu, Nem tu, donde eles procediam.  
Uniu-te a sorte a Alcino, e venturosa  
Sempre te ouvi chamar, desde esse tempo.  
Cessaram os teus males, eu os sinto.  
A idade é idêz tu a causa deles.

Ah! Que estranha linguagem! Não concibo  
Porque fajas assim; pois traz o idêz.  
Males nos teus anos não provados?  
Três lustros conto apenas; tu três lustros  
Antes de te sposar, também contavas.  
Pós o consócio a teus lamentos tomava;  
Limitar'os meus? Ah! dize, dize  
Tu, que desossageo igual sofreste,  
O seu motivo, e como o apaziguaste;  
Revela li tu amiga este mistério.  
Donde sinto perder o meu venozio.  
Eu não experimentava o que experimento:  
Os meus sentidos, todos alterados,  
Uma viva emoção p'no em desordem;  
Cala-me activo fogo nas entrañas;  
O coração no peito turbulento  
Pula, bate com ansia estranhamente.  
O sangue, pelas veias abrasado,  
Parece que me queima as carnes totas.  
A três agitações languidez parece  
Suade; que a meus olhos pranto arranca,  
E o coração desassombrom parece  
Do peso da doraz melancolia.  
Tão mesmo a natureza tem mudado  
A configurado que os seus dantes tinha:  
Vão-se aumentando os pertos e tomando  
Uma redona forma, como aquesle  
Que servem de nutrieiros na infância.  
Doutros sinal o corpo se maliza  
Antes desconhecidos; alvos membros,  
Lisos t'ou'cu, vacula um branco pêto,  
Comp o buço ao mancheio, á ave a penugem.

Sobressalta-me d'homens a presença,  
Eles, a quem té'gora indifferente  
Tenho com afouteza sempre olhado!  
Ao vê-los, o rubor me sobe ao rosto,  
A voz me trême e articular não posso  
Sons que, emperrada, a língua não exprime.  
Sinto desejos que expressar me custa  
Amor... E como a ideia tal me arrojto?  
Será talvez amor isto que sinto?  
Já tenho lido efeitos de seus danos;  
Mas esses que o seu jugo suportaram,  
Tinham com quem seu peso repartissem,  
Tinham a quem chamavado de objecto,  
Quem a sua mal remédio sugeresse.  
Isto era amor; Mas eu amor não sinto;  
A doce inclinação que dous amantes  
Um ao outro consagram, desconheço.  
Sim: dous homens a vista honzera —  
É para mim; nenhum, porém, me prende.  
Não sei que chama intensa me afogueia...  
Amor isto será? Alzira, fala,  
Fala com candidez á tua amiga;  
Ensiná-me a curar a fundá chaga,  
Que eternamente lavra p'ra mim toda;  
Destas agitações que me flagelam,  
Mostra-me a causa, mostra-me o remédio.  
Tu inventas também, já não te avocam.  
Mostra-me por que modo as terminaste.  
Talvez do que te digo fajas mofa...  
Ah! vê que por meus lábios a inocência  
Contigo é quem se exprime; tem dó dela!  
E se os meus sentimentos são culpáveis,  
Dize-mo, que abafos em meu peito  
Serei vítima deles; se extingui-los  
Os meus esforços todos não pudérem,  
Comigo háo-de morrer, findar comigo.

## ALZIRA A OLINDA

**C**OM que satisfação, com que alegria  
Vejo da minha Olinda as ternas letras!  
Retrato da inocência, me afugora  
O que por mim passou, estranho efeito  
De um coração sensível, não manchado  
Ainda pela mão da iniquidade.  
Fala, não temas exprimi-te, Olinda,  
Que se cultivar'os teus olhos, ao olhar,  
Aos meus és inocente, e assim te julgo.  
Da inviolável lei da Natureza  
A que sujeita estás, bem como tudo;  
Nasces, querida amiga, os teus transportes;  
Só provém dela, é ela que os causa;  
Ela os mitigará em tempo breve.  
Dando-te, provída, um remédio activo,  
A triste educação que ambas tivemos,

Mais desenvolve os teus sentimentos  
Dos que amar só procuráram, e não pigem  
Na solidão senão atarmentar-se.  
Do recato das filhas temerosas  
Pensam os rudes pais, que em sopé-las  
Alcançam extinguir o voraz fogo  
Que sopra a Natureza, e que ela atea.  
Nadaço, do amor, lha fariam abarcarão,  
Que o exortação demente e que não pode  
Será justificar a razão mesma.  
Benigas emoções chamam flagícios,  
Que infernaes penas castigar costumam;  
Sem que atinem o modo porque devam  
Torná-las puras e crime alheias,  
Porque do crime o amor não dif'renciam,  
Amor é crime o mesmo lha figuram.  
Ah! Que de um péso ao emprego não tolera  
Máximas impetoras, vés idêz!  
Que religião não sofre, e que forcejam  
Para Cão religião autoriz'las.  
Salta-se pois té onde o culto, a honra  
De um Deus se estende, e quais limites devem  
Marcar-se às impressões da Natureza.  
Em vez de aferrar'os as tristes fendas,  
Busquem mostrar-lhes da virtude a senda,  
Do vício a estrada com diverso jugo.  
Pois que impureza é anhor um rumo equivo,  
Consiste o mal ou o bem na escolha d'arte.  
Sim, cara linda, Corio tu, ou própria,  
Falta da sociedade, porque nela  
Viam mais peso o escolho da inocência,  
As mesmas emoções senti outrora;  
Mas tuas não estas, e quais limites devem  
Nascer-te em teu peito, e não em mim;  
Do que nem mesmo decifrar podias.  
Quantas vezes meu coração á clara  
Te descobri, querida! E quantas vezes  
O meu desassombro não provocado,  
Ris dos sentimentos que em minh'alma  
Estranhadas estavam, sem que a causa  
Deles jamais me fosse conhecida  
Agora os experimentas, crês agora  
O que falso julgavas, verdadeiro!  
A Natureza em ti o germe lança,  
Que a ajudá-la te incita; Amor te inflama,  
Porque sentível és; e bem que hesites  
Sobro o objecto que deve contentar-te,  
Ela tu mostrará um tempo breve,  
Não te assustem do seu domínio as forças,  
Porque do júgo seu o peso é leve.  
Não mais fortes fôrdes desejos  
Que o coração te anesidam, e bem pode  
A languidez eterna virmar-te,  
Se de amor o remédio não saacia.  
Atenta sobre mil louções máncobos,

# BOCAGE

Iniciamos hoje finalmente a publicação dum dos mais maravilhosos trabalhos de Bocage: as célebres cartas de Olinda a Alzira.

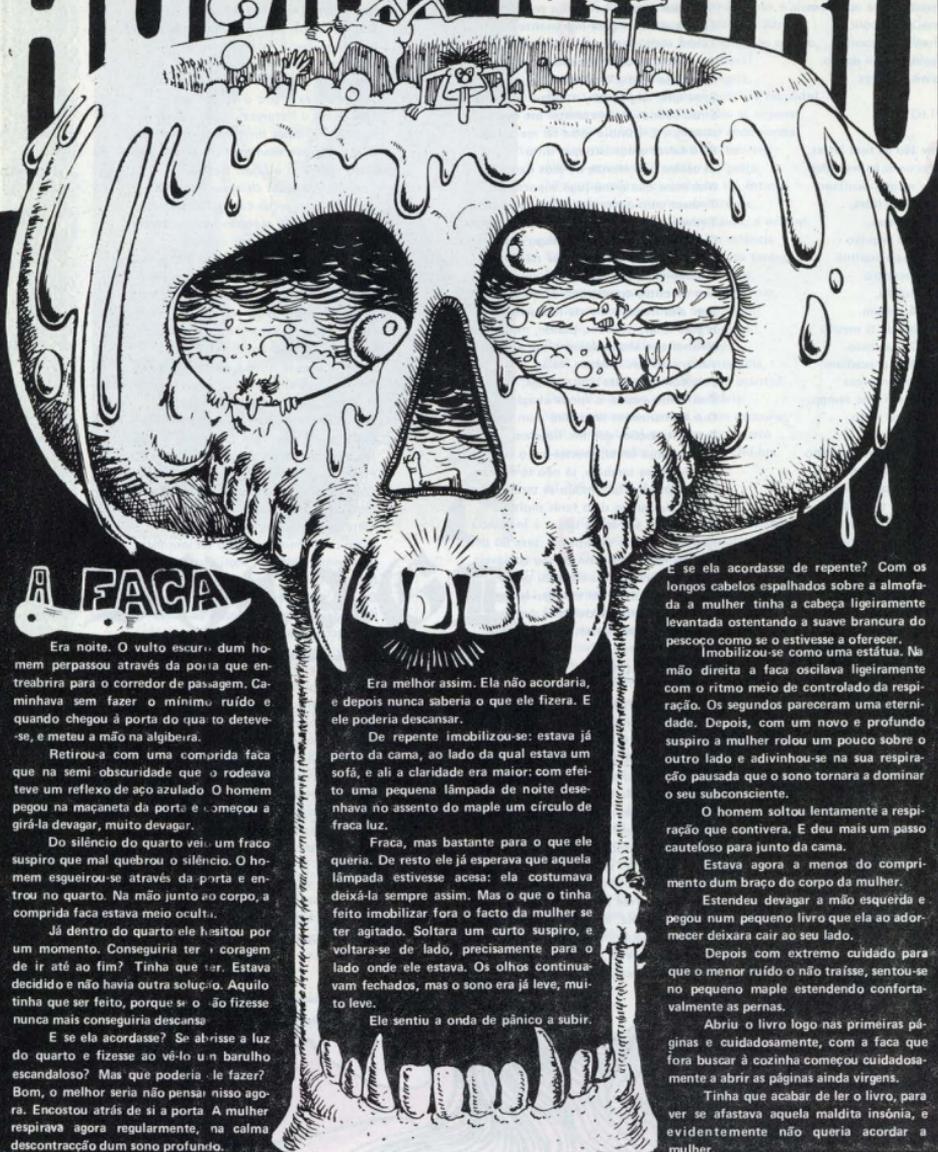
Digno concluidor da obra poetica de Safo e de Ovidio, Bocage apresenta nas Cartas de Olinda e Alzira a exaltação dos amores de duas mulheres primas na sua forma lírica nascida da mais suave ternura de amizade e transformada gradualmente num devorante sexual do qual se passa na precisa descrição de Olinda para as experiências eróticas heterossexuais.

Longe é o trabalho, que nos obriga o publico a que, como em folhetim, nem sempre de igual extensão, já que as "Cartas" vão sendo cada vez maiores, á medida que Olinda e Alzira se alargam em pormenorizadas descrições das suas experiências sexuais.

De qualquer forma, esta é indiscutivelmente uma das mais representativas obras de Manuel Maria Barbosa du Bocage, na sua colecção de "Poesia Erótica e Satírica".



# AMOR: NEGRO



## A FACA

Era noite. O vulto escuro dum homem perpassou através da porta que entreabria para o corredor de passagem. Caminhava sem fazer o mínimo ruído e quando chegou à porta do quarto deteve-se, e meteu a mão na algibeira.

Retirou-a com uma comprida faca que na semi-obscuridade que o rodeava teve um reflexo de aço azulado. O homem pegou na maçaneta da porta e começou a girá-la devagar, muito devagar.

Do silêncio do quarto veio um fracasso que mal quebrou o silêncio. O homem esgueirou-se através da porta e entrou no quarto. Na mão junto ao corpo, a comprida faca estava meio oculta.

Já dentro do quarto ele hesitou por um momento. Conseguiria ter coragem de ir até ao fim? Tinha que ter. Estava decidido e não havia outra solução. Aquilo tinha que ser feito, porque se o não fizesse nunca mais conseguiria descansar.

E se ela acordasse? Se abrisse a luz do quarto e fizesse ao vê-lo um barulho escandaloso? Mas que poderia ele fazer? Bom, o melhor seria não pensar nisso agora. Encostou atrás de si a porta. A mulher respirava agora regularmente, na calma descontração dum sono profundo.

Era melhor assim. Ela não acordaria, e depois nunca saberia o que ele fizera. E ele poderia descansar.

De repente imobilizou-se: estava já perto da cama, ao lado da qual estava um sofá, e ali a claridade era maior: com efeito uma pequena lâmpada de noite desenhava no assento do maple um círculo de fraca luz.

Fraca, mas bastante para o que ele queria. De resto ele já esperava que aquela lâmpada estivesse acesa: ela costumava deixá-la sempre assim. Mas o que o tinha feito imobilizar fora o facto da mulher se ter agitado. Soltara um curto suspiro, e voltara-se de lado, precisamente para o lado onde ele estava. Os olhos continuavam fechados, mas o sono era já leve, muito leve.

Ele sentiu a onda de pânico a subir.

E se ela acordasse de repente? Com os longos cabelos espalhados sobre a almofada a mulher tinha a cabeça ligeiramente levantada ostentando a suave brancura do pescoço como se o estivesse a oferecer.

Imobilizou-se como uma estátua. Na mão direita a faca oscilava ligeiramente com o ritmo meio de controlado da respiração. Os segundos pareceram uma eternidade. Depois, com um novo e profundo suspiro a mulher rolou um pouco sobre o outro lado e adivinhou-se na sua respiração pausada que o sono tornara a dominar o seu subconsciente.

O homem soltou lentamente a respiração que contivera, e deu mais um passo cauteloso para junto da cama.

Estava agora a menos do comprimento dum braço do corpo da mulher.

Estendeu devagar a mão esquerda e pegou num pequeno livro que ela ao adormecer deixara cair ao seu lado.

Depois com extremo cuidado para que o menor ruído o não traisse, sentou-se no pequeno maple estendendo confortavelmente as pernas.

Abriu o livro logo nas primeiras páginas e cuidadosamente, com a faca que fora buscar à cozinha começou cuidadosamente a abrir as páginas ainda virgens.

Tinha que acabar de ler o livro, para ver se afastava aquela maldita insónia, e evidentemente não queria acordar a mulher.

# O senhor PRESIDENTE

Eu tinha dito que não fazia mais entrevista nenhuma, porque estava convencido que quando o sacaneta do meu chefe de redação descobrisse que eu o tinha estado a entrevistar a ele e que tinha sido ele mesmo que tinha declarado o artolas que era, o melhor que eu tinha a fazer era despedir-me.

Mas afinal enganei-me, imaginem! O parvalhão acabou por achar muita graça à minha ideia de o entrevistar e acabou por me dizer que assim é que era, que os grandes homens eram sempre raterados cruamente pela posteridade mas que através desses retratos é que a História se fazia, e que eu lhe disse que ele era de facto uma figura para ficar na História, acabou por concordar que eu era um bom repórter, e mandou-me fazer outras reportagens.

E pronto. Aqui fiquei

eu sem saber quem é que havia de ir entrevistar.

Mas de repente passou-me uma coisa pela cabeça... e fez-se luz. Estava decidido: eu ia entrevistar uma importante figura nacional: porque depois de ter entrevistado o meu chefe de redação o melhor era entrevistar alguém muito importante. E fui à procura dele.

Bati à porta e perguntei:

— O senhor presidente está?

— Quem devo anunciar?

Fiz-me importante, como convinha:

— Im prensa, menina. Diga-lhe que era para uma entrevista...

Momentos depois entrava na riquíssima sala do senhor presidente. Não se pode dizer que estivesse mobilada com muito bom gosto, mas lá coisas caras, isso tinha. E ainda eu mal tinha tido

tempo para olhar para os inúmeros troféus que estavam religiosamente guardados nas vitrines, quando o senhor presidente entrou de mão estendida:

— Como está, meu exmo Amigo? Estou ao seu dispor. Faça as suas perguntas, que eu responderei, claro, se me for possível... bem sabe, há certas limitações...

— Mas naturalmente, senhor presidente. Nem eu queria que por

minha causa V. Exa. viesse a criar qualquer posição embaraçosa...

— Posições embaraçosas? O senhor sabe lá aquelas que eu tenho tido nos últimos tempos! Tem sido um horror! Ter que dar tantas explicações a uns e a outros, quando a minha vontade era dizer-lhes que eles não tinham nada com o que se passa nas casas de cada um...

— Compreendo...

— Bom, o senhor pode compreender, mas veja lá

não vá lá agora escrever este meu desabafo! Bem vê que na minha posição de presidente não me ficava bem dizer estas coisas mas o que quer? Eu acho que se nós não desabafarmos uma vez por outra... rebentamos!

— Naturalmente. Mas V. Exa. pode estar traquilo: Eu só publicarei aquilo que V. Exa. achar que deve ser publicado...

— Bom, isto não quer

cont. na pág. 14



O Futuro a Deus pertence! — diz-se seja lá como for... o diabo é quando os homens (e as mulheres) não querem dar uma ajuda. Já não falamos de certa rapaziada... porque lá diz outro rifão que: Quem se mete com rapazes... já sabe o que lhe pode acontecer!

Se, de facto, no "outro mundo" toda a gente faz tijolo, as construções — e, por consequência, as respectivas rendas — devem ser muito baratas... Do que não há dúvida é que, nesta vida, as rendas de casa estão mesmo pela hora da morte!...

Ainda a propósito do muito pouca (ou nenhuma?) vontade que muitos estudantes têm para estudar, a par da grandecíssima vontade que têm de se diplomarem, será preferível ter poucos — mas bons — diplomados que, muitos... a zero ou pouco mais!

Não é nada injusto dar "chumbo" a quem só pretende "chumar" o próximo!



# O HÓSPEDE PACANTE

O velho Smith, rico lavrador cuja fortuna fazia inveja a muitos dos seus amigos, vivia completamente só no enorme e imponente casarão que desde que os seus pais haviam morrido — há mais de quarenta anos — para pouco mais lhe servia do que para dormir, e para as curtas refeições da manhã e da noite que ele próprio como impenitente solteirão que sempre fora, preparava.

E a inveja não era só o que fazia falar os seus amigos. Na realidade todos eles estimavam aquele velho de setenta anos que sozinho passava os dias nos campos trabalhando ao lado dos homens que empregava, dirigindo, orientando, ora guiando o tractor, ora aranjando a comida do garoto quando não havia que juntar o estreme nas nitreiras.

De mês a mês o velho Smith tirava um dia ao seu trabalho, para ir até à vila onde se realizava a feira. E ali passava aquele dia de descanso, depois de feitas as compras e as vendas que tinha a fazer, tagarelando com os "rapazes" do seu tempo, alguns deles já acompanhados com os filhos adultos que os ajudavam nos trabalhos das suas quintas.

E um dia o velho Smith embora pouco dado a expansões e a confidências, deixou cair a bomba na roda dos amigos ao anunciar... que

tinha pensado casar-se.

— Vais casar? Ao fim de tantos anos? — estranharom os amigos.

Que sim. Que tinha pensado madura e friamente no assunto. Que não tinha quaisquer herdeiros e que lhe custava pensar que um dia que fechasse os olhos a sua quinta tão rica e tão bem tratada se perderia, e que cresceriam ervas daninhas na terra que com tanto carinho tinha sempre tratado...

Os amigos reconheceram que ele tinha razão. E nem sequer lhe perguntaram se já tinha escolhido companheira. Depois dele ter partido, ao fim da tarde, fizeram-se conjecturas:

— Com certeza que é a viúva Thompson. Boa arressoa, ainda bastante rija e saudável...

— Não, não. Deve ser aquela tia do cura. O cura sempre disse que o seu maior desejo era vê-la arumada...

— Talvez. Ou talvez seja a senhora Johnson. Vocês lembrem-se que ela está divorciada do marido há mais de trinta anos...

Passou-se mais um mês e quando o velho Smith apareceu na vila, e acabou os seus negócios os amigos convidaram-no para tomar uma caneca de cerveja. E na conversa que se seguiu surgiu a pergunta inevitável:

— Então, Smith: quando é o anunciado casamento? E mais impor-

tante do que isso: quem é a feliz noiva? Pode saber-se?

Smith olhou os amigos em silêncio. Depois de despejar a caneca de cerveja respondeu:

— Claro que pode. Vou casar com Miss Lauren Hastings.

## POR RABAL DARIA



Fez-se um silêncio de queixos caídos.

Lauren Hastings era a mais deliciosa, a mais linda, a mais apetitosa de todas as filhas dos lavradores de todo o condado.

Pouco mais de vinte anos, com uns olhos enormes e profundos, e uma boca extraordinariamente sensual, as formas do corpo deliciosamente moldadas pelos vestidos um todo nadinha provocantes, ela tinha o condão de fazer ao passar, calar todas as conversas, concentrar todos os olhares, despertar mil desejos.

E Lauren Hastings ia

casar com o velho Smith, que andava pelos setenta anos...

Foi o médico o primeiro a recobrar a compostura. E disse:

— Sim... não há dúvida que é uma escolha admirável! Mas Smith: Já pensaste que se aproxima o inverno, que seis meses em que por não haver feiras as pessoas ficam fechadas nas suas quintas?

— E verdade que não há feira, mas por isso não deixa de haver trabalho nos campos...

— Pois por isso mesmo! Já te lembraste que tu saís de manhã para o campo donde só voltas à noite e a tua mulher, coitada, vai ficar todo o dia e todos os dias a aborrecer-se sozinha nesse casarão sem ter ninguém com quem conversar?

— Sim, já pensei em tudo isso — respondeu o velho Smith. — Mas naturalmente vocês compreendem que isso não tem remédio...

O médico atalhou: — Bom, remédio tem. Bastaria que tu te decidisses a ceder em tua casa um quarto a um hóspede, isso a que chamam um hóspede pagante! E assim já a tua mulher, a pequena Hastings teria com quem falar quando tu estiveres no campo...

Smith pensou um bocado, e disse:

— Tens razão. Não é má ideia. Vou pensar nisso... Quando o velho Smith

saía os amigos comentavam alarmente a conversa. E um mais brejeiro não deixou de acrescentar:

— Claro, aqui o nosso doutor soube pôr o dedo na ferida! A sedutora Lauren casada com aquele velho de setenta anos deve apreciar a ideia de ter lá em casa durante o dia um hóspede. Um hóspede pagante, não é? Ah, claro que ele terá que pagar e bem, por aquilo que o Smith lhe ficar a dever a ela...

As risadas abafaram os protestos do velho médico. Indignado pela interpretação dada ao seu conselho. E não se falou mais no assunto.

O velho Smith casou efectivamente com a deliciosa Lauren. E logo a seguir veio o inverno, passaram-se meses antes de ser anunciada a primeira feira da Primavera.

Na taverna da vila, no primeiro dia de feira, a multidão dos agricultores vivia a alegria do encontro de velhos amigos que há meses se não viam. Conversavam sobre os malefícios do inverno e as perspectivas das próximas colheitas.

E foi nesse momento que entrou o velho Smith.

Os amigos saudaram-no efusivamente. E vieram as perguntas:

— Então, Smith, que te dá com o honesto estado de homem casado? Como está a senhora

Smith? Que tal se dá ela com a vida no campo? Como passaram o inverno?

— Ah, naturalmente! E vosso conselho, e a senhora Smith está a apreciar bastante essa minha atenção! Vocês compreendem: ela é uma rapariga nova, e ficar assim sozinha todo o dia em casa era um aborrecimento...

— Evidentemente, Smith. Foi bastante contente da tua parte teres pensado nisso a tempo...

— Pois é, mas essas coisas às vezes trazem aborrecimentos! Há certas intimidades...

— Bom, tu não podes evitar isso, homem. Deixa lá...

— Deixa lá, uma oval

Smith? Que tal se dá ela com a vida no campo? Como passaram o inverno?

— Ah, naturalmente! E vosso conselho, e a senhora Smith está a apreciar bastante essa minha atenção! Vocês compreendem: ela é uma rapariga nova, e ficar assim sozinha todo o dia em casa era um aborrecimento...

— Evidentemente, Smith. Foi bastante contente da tua parte teres pensado nisso a tempo...

— Pois é, mas essas coisas às vezes trazem aborrecimentos! Há certas intimidades...

— Bom, tu não podes evitar isso, homem. Deixa lá...

Smith? Que tal se dá ela com a vida no campo? Como passaram o inverno?

— Ah, naturalmente! E vosso conselho, e a senhora Smith está a apreciar bastante essa minha atenção! Vocês compreendem: ela é uma rapariga nova, e ficar assim sozinha todo o dia em casa era um aborrecimento...

— Evidentemente, Smith. Foi bastante contente da tua parte teres pensado nisso a tempo...

— Pois é, mas essas coisas às vezes trazem aborrecimentos! Há certas intimidades...

— Bom, tu não podes evitar isso, homem. Deixa lá...

— Deixa lá, uma oval

Smith? Que tal se dá ela com a vida no campo? Como passaram o inverno?

— Ah, naturalmente! E vosso conselho, e a senhora Smith está a apreciar bastante essa minha atenção! Vocês compreendem: ela é uma rapariga nova, e ficar assim sozinha todo o dia em casa era um aborrecimento...

— Evidentemente, Smith. Foi bastante contente da tua parte teres pensado nisso a tempo...

— Pois é, mas essas coisas às vezes trazem aborrecimentos! Há certas intimidades...

— Bom, tu não podes evitar isso, homem. Deixa lá...

Smith? Que tal se dá ela com a vida no campo? Como passaram o inverno?

— Ah, naturalmente! E vosso conselho, e a senhora Smith está a apreciar bastante essa minha atenção! Vocês compreendem: ela é uma rapariga nova, e ficar assim sozinha todo o dia em casa era um aborrecimento...

— Evidentemente, Smith. Foi bastante contente da tua parte teres pensado nisso a tempo...

— Pois é, mas essas coisas às vezes trazem aborrecimentos! Há certas intimidades...

— Bom, tu não podes evitar isso, homem. Deixa lá...

— Deixa lá, uma oval

Smith? Que tal se dá ela com a vida no campo? Como passaram o inverno?

— Ah, naturalmente! E vosso conselho, e a senhora Smith está a apreciar bastante essa minha atenção! Vocês compreendem: ela é uma rapariga nova, e ficar assim sozinha todo o dia em casa era um aborrecimento...

— Evidentemente, Smith. Foi bastante contente da tua parte teres pensado nisso a tempo...

— Pois é, mas essas coisas às vezes trazem aborrecimentos! Há certas intimidades...

— Bom, tu não podes evitar isso, homem. Deixa lá...

Smith? Que tal se dá ela com a vida no campo? Como passaram o inverno?

— Ah, naturalmente! E vosso conselho, e a senhora Smith está a apreciar bastante essa minha atenção! Vocês compreendem: ela é uma rapariga nova, e ficar assim sozinha todo o dia em casa era um aborrecimento...

— Evidentemente, Smith. Foi bastante contente da tua parte teres pensado nisso a tempo...

— Pois é, mas essas coisas às vezes trazem aborrecimentos! Há certas intimidades...

— Bom, tu não podes evitar isso, homem. Deixa lá...

— Deixa lá, uma oval

Smith? Que tal se dá ela com a vida no campo? Como passaram o inverno?

— Ah, naturalmente! E vosso conselho, e a senhora Smith está a apreciar bastante essa minha atenção! Vocês compreendem: ela é uma rapariga nova, e ficar assim sozinha todo o dia em casa era um aborrecimento...

— Evidentemente, Smith. Foi bastante contente da tua parte teres pensado nisso a tempo...

— Pois é, mas essas coisas às vezes trazem aborrecimentos! Há certas intimidades...

— Bom, tu não podes evitar isso, homem. Deixa lá...



# CRÔNICAS DA CONTRA-PEÇONHA

## VARIAÇÕES EM FOGO MAIOR

Atenção, minhas senhoras e meus senhores, vem aí o verão, vem aí o fogo!

Data do Paleolítico Médio ou Superior a "descoberta" do fogo que teve outrora adoradores e foros de divindade e que, hoje, muito prosaicamente, trazemos comprimido numa caixa de fósforos, no bolso do casaco. Já não se erguem altares nem se levam oferendas a Vulcano mas o fogo continua a ser todo-poderoso, carregado de símbolos de purificação ou de sexualidade para os mais especulativos e ligado ao frango de churrasco para os mais simples.

Atenção, senhores bombeiros, vem aí o verão, vem aí o fogo.

O fogo tem uma longa tradição no nosso país.

Acolhedor nas lareiras nortenhas, ganhou assomos malignos nos autos-de-fé da Inquisição, gelando as almas em vez de aquecer os corpos, mas para limpá-lo dessas cinzas bárbaras e do monstroso labéu, logo vieram as pacíficas fogueiras nos adros das igrejas da Província onde os fiéis buscam o calor antes e depois da missa do Galo e as fogueiras de Santo António, saltadas por raparigas e rapazes e olhadas pelos velhos com o desconfiança de um antigo adágio: Quem brinca com o fogo queima-se...

E a verdade é que com o fogo "se brinca" demais, às vezes de forma clandestina, criminosa, passando do gosto pelo fogo ao fogo-posto, uma autêntica orgia de labaredas

que consome casas, terras de mato e pinhais, todos os verões, em trelucas das manifestações de força do Clube dos Pirromas e dos Amigos de Prometeu!

Atenção, Serviços Florestais, vem aí o verão, vem aí o fogo!

Todos os anos, terríveis incêndios devastam o país, enalvecem a paisagem, transformam aprazíveis bosques em lugares de desolação, destroem eucaliptos, imolam rebanhos como se hunos, suevos, lombardos, visigodos, ostragodos e vândalos resuscitassem em massa nómada da treva chamuscada dos tempos para assolar este canto da Península a que o poeta chamou o "jardim de Europa à beira-mar plantado" e que, no verão, mais parece o "jardim de Europa à beira-mar queimado"! É na serra de Sintra, duma vez, no pinhal do Rei, noutra, na Garduinha, no Estoril, em todo o lado onde há uma árvore para arder. Como pré-aviso incendiário, já no princípio de Maio tivemos a Pampilhosa da Serra em chamas, mil e trezentos hectares de plantações e florestas ameaçadas pelo fogo! Não estamos, ninguém está em condições de lançar dezenas, centenas de milhares de contos a uma fornalha! E não podemos ficar de braços cruzados perante essa calamidade nos nossos verões. É urgente desde já uma vasta campanha aonti-incendiária. É urgente organizar um exemplar sistema de vigi-

lância que impeça o anual alastrar de prejuízos incalculáveis para a nossa economia e o decréscimo da riqueza florestal.

Essa tarefa de defesa e perseverança das nossas florestas não poderia ser atribuída ao tão falado Serviço Cívico? Organizada em brigadas, distribuídas pelo país, talvez

os estudantes pudessem combater a ruínosa realidade dos incêndios, talvez pudessem evitá-los, prestando-nos um inestimável serviço.

Até porque dessa forma não "arderá" inutilmente o seu ano sem estudos nem a verba destinada a ocupar o tempo dos estudantes.

## O senhor PRESIDENTE

cont. da pág. 11

dizer que eu esteja a fazer-lhe qualquer espécie de censura! Nem previa nem posterior. Isso como sabe acabou. Queremos liberdade, e eu pela minha parte defenderei até ao último momento esse direito de cada um dizer o que lhe apetece...

— Mas evidentemente. Ora diga-me: quais foram as impressões da sua viagem?

— Boas. Claro que tive bastantes discussões, principalmente com os adeptos dos nossos adversários que como sabe não perdem a mínima oportunidade para nos atacar. Mas a verdade é que o que eles têm é inveja. E no fim, ali na hora da verdade, quando eu lhes cantei da boas, acabaram por se calar...

— Mas eu ouvi dizer que até mesmo alguns dos seus antigos adeptos estavam um bocadinho desiludidos, e... desculpe-me a franqueza...

— Diga, diga, que eu não me assusto! Queriam que eu me demitisse, não é?

— Bom, já se ouviu fa-

lar nisso...

— Mas fique sabendo que me não demito. Sou presidente, o presidente hei-de continuar, queiram eles ou não queiram. Lá o facto de ter inimigos? Quem não os tem? Se calhar até mesmo o senhor não está livre deles...

— Ah isso não estou! Se V. Excelência conhecesse o meu chefe...

— Pois é. O mal é que aparecem sempre uns chefes a estragar a vida a cada um. Mas como, e olhe que isto pode o senhor escrever alto e bom som. Comigo estão muito enganados. Enquanto eu for presidente manter-me-ei no meu posto, à frente dos destinos dos homens que me elegeram para este cargo, e nada me fará recuar.

— Muito bem, senhor presidente! Gosto de o ouvir falar assim!

— Muito obrigado. Se era isso que a sua entrevista tinha por fim, porde ir descansado e escrever no seu jornal que enquanto eu, Senhorim Procópio for presidente do Alvinense Futebol Clube, não haverá intrigas que façam pedir a demissão!

## OS RIBICULOS

O MAIS ANTIGO  
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR  
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE  
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração e composição  
R. Conde Redondo n.º 12-2º LISBOA  
Tel. 538585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa do  
JORNAL DO COMÉRCIO, S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR  
REGIMPRESSA  
AV. D. JOSÉ I, LOTE 12  
REBOLEIRA - LISBOA



## BOCAGE

cont. das centrais

Cheios de encantos; olha-os indulgentes,  
E dentre eles escolhe um, cujo peito  
Tão dócil como o teu seja formado.  
Olinda, ama; conhece que delícias  
Amor encerra, amor, alma de tudo;  
Amor, que tudo alenta e que só causa  
Os gostos de uma vida abreviada.  
Se contra amor dítames escuaste,  
Que seus feitos pintam horrorosos,  
Não dês crédito a máximas fingidas,  
Que a língua exprime e o coração reprova.  
Que mal provém aos homens de que, unidos  
Dous amantes, se jurem fé, constância?  
Que um ao outro se entreguem e obedeçam  
Da Natureza às impressões sagradas?  
Rouba a virtude acaso a paixão doce  
Que beijos mil só fartam, e que só pode  
Nos braços de um amante saciar-se? ...  
Não; amor a virtude fortifica:  
Mais a piedade sobre as desventuras  
Que os outros sofrem, mais a humanidade  
Em nós se aumenta, quando mais amamos,  
Se desde o berço em nós força indivisível  
Sentimentos de amor vai raditando.  
Se, mal balbuciamos, quanto vemos  
A falarmos de amor nos estimula;  
Se a idade vai crescendo e a Natureza  
Nossas feições altera, assinalando  
Com marcas bem sensíveis, que chegámos  
Ao prazo em que é lei sua amar por força,  
Ou desnegar então nossa existência:  
Se tudo amar com vida e nos impele,  
Que amor auz chamar crime excecando? ...  
Ah! deixa, Olinda, deixa que alardeiem  
Virtude austera hipócritas infames.  
Sabe que, enquanto amor horrível pintam,  
Enquanto aos olhos teus assim o afeiam,  
De uma amante venal nos torpes braços  
Vão esconder transportes que os devoram,  
E, por castigo seu, somente gozam  
Emprestadas carícias, vis afagos.  
Mas quando assim os homens dissimulam,  
Para dissimularem te dão direito:  
Finge, como eles; ama, e lho disfarça,  
Que é mais um gosto amar às escondidas.  
Afecta, embora, affecta sisedeza  
Já que a affectar te obrigam, e em segredo  
De instantes enfadonhos te indemnezia;  
Zomba dos seus ardis e estatagemas,  
Dize, entre os braços de um amante caro,  
Que mais crédulos são do que te julgam,  
Se creêm nos laços seus aprisionar-te.  
Se os deleites de amor são delitos  
Quando sabidos são, como vês mui denso  
A perspicazes olhos os encobre:  
Vinga-te desses, que abafar procuram  
As doces emoções, que n'alma sentes.  
São estes os conselhos de uma amiga  
Que os bons te anela que ela saboreia.  
Sabh, por fim, que quanto mais retardas  
Tão litosos momentos, sem gozã-lo;  
Quanto mais tempo perdes, ociosa,  
Serás às vozes de amor ser resignada,  
Tanto mais tempo tens de lastimar-te,  
Por não tê-lo em amar aproveitado.

Prezado leitor, prepare-se para fixar a nossa primeira "receita" de hoje (e, repare nas aspas... que, não é bem o que pensa mas, ser de utilidade. Se outra virtude não tiver, esta nossa secção distrai-o, pelo menos, um pouco da política — um pouco só, que lá de todo não... pois está em jogo o seu (e o nossos...) futuro e ninguém se deve distrair muito disso!... Ora, aí vai, pois:

**CACHORRO QUENTE** (sem aspas — repare — e para quem tem cachorro.)

Se tem cachorro e o deseja quente, trate-o bem, acarinie-o e afague-o com humano calor. No inverno, além disto, se ele tiver frio, enrolo-o num cobertor, manta ou seja lá o que for que o aqueça!

Como vê, a nossa "receita" é simples e o cachorro vai ficar muito agradecido. Passará a ter nele não só o que se diz "um amigo para o inverno" (não no sentido irónico mas, no puro e exacto sentido da expressão) mas, para todas as estações e emergências. Os cachorros, acredite (se calhar, até sabe...), são muito menos cães que certas pessoas que, depois de você as agasalhar das maneiras mais diversas e de as tratar o melhor que pode (às vezes, até com sacrifício das suas calorias...), lhe ferram os dentes (no sentido figurado mas, doloroso quantas vezes, mais doloroso que dentada de cão?) sempre que podem!

E, voltando ao nosso (e vosso) cachorro quente, essa coisa de meter uma salischa numa pequena carcaça, com manteiga ou mostarda, isso, em português escreveu (e já é tempo de olhar por ele, não acha?) é, apenas: salischa no pão! Nalguns países, ao que se diz (sobretudo na China... será verdade? ), é que se comem mesmo cachorros quentes... e de várias outras maneiras. Em Portugal, muito embora a vida esteja cada vez mais difícil (por enquanto, e apesar de tudo, continua a ser assim) e os cachorros e cães (com e sem aspas, de todos os tamanhos, espécies e feitios...) abundem, por enquanto, ainda não chegámos a isso!...

NOTA: Não arranje uma cadela para aquecer o cachorro. Dê-lhe liberdade para ser ele a tratar disso. Até porque, não obterá cachorro quente mas, a escaldar!...

**OBSERVAÇÕES E CONSELHOS... LÓGICOS E ÚTEIS**

Casou-se? Tem aborrecimentos com a sua cara-metade laté por lhe sair muito mais cara, essa metade que você arranjou...? Paciência, amigo... Os solteiros também os têm (aborrecimentos...) e, por vezes, muito mais e, muito mais caro! o nosso destino é cair (com elas), de qualquer modo (salvo seja!), em certos sentidos...).

Você será um bom pai, se pensar que os seus filhos não são seus filhos (sem maldade nem ofensa...). É que, você, aos filhos dos outros, é sempre capaz (pelo menos, falando...) de fazer isto e mais aquilo (até dar-lhes um ou dois tabeles em certas e devidas alturas...), se fossem seus filhos, não é?... então, faça de conta que são e que não são — ou vice-versa!...

## NOVAS DE D. ARCEOLINDO

cont. da pág. 5

de que vos falei para ter o supremo gozo de fazer uma coisa que há tantos anos desejava fazer: esfregar-vos nas ex-reais trombas a merda que a vossa ideia me fez nascer nas tripas.

D. BRIOLANJA

— Oh! Ah! Ai que eu tenho um badagiao!

EL-REI

— E vede como acaba: "Se quereides um conselho de leal fidalgo, e quereides mudar de vida, procureide nesses reinos um bom azilo para atrazados mentais e entraide para sócio dele. E ficai de sabendo que dei já ordens no meu palácio a minha fiel esposa D. Lutegarda para estar atenta a novas safaradanas de merda que vós tenhais ideia de me mandar desinquietar, porque se eles vierem ser a minha esforçada esposa que na minha ausência se encarregarpa de lhes partir os cornos porque cá em casa a gente não quer gandulos. Assinado, D. Arceolindo de las Muñecas, tenente general adiantado das ribas penichenses.

D. BRIOLANJA

— Céus que eu desmaio! E dizieides vós que tinheides estado a pensar?

EL-REI

— Pois tinha. Conheceides aqui nestas terras algum asilo onde nos recebam?

CARTAS DE OLINDA A ALZIRA

# SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)

TEL. 562411/10 LINHAS



MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS  
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO  
"EPEDA" E "DELTALOC"